

BARBOSA, Patrícia Lucchesi. **A performance da psicagogia no *Fedro* de Platão.**

Editora Dialética, 2023, 196p

ISBN 978-65-252-7446-1

---

O tema da alma e suas implicações relacionadas ao movimento que a filosofia propõe – a psicagogia – de fato são centrais para compreender o lugar do filósofo e a natureza do conhecimento para Platão. Por esse prisma, a obra de Patrícia, que decorre de sua pesquisa de Doutorado defendida em 2022 na Universidade Federal de Minas Gerais, ocupa lugar particular para as interpretações do pensamento de Platão, e permite, através da sua escrita, ver diferentes possibilidades de significação que o diálogo *Fedro* nos desafia a descobrir.

O livro propõe uma tese, que se desenvolve a partir do tema da *psicagogia* do *Fedro*. Ao longo desse percurso, a autora nos convida a partilhar com ela as reflexões e discussões que entretém com os personagens desse célebre diálogo. Por meio de sua voz, temos um reencontro com os personagens Fedro e Sócrates, e, na sequência, somos levados a um passeio pelas questões centrais desse diálogo. Assim, a tese, que consiste em destacar o movimento anímico como parte essencial da noção de psicagogia, é apresentado, no livro de Patrícia, como um convite também psicagógico para seus leitores. Os movimentos do diálogo, capturados pela lente analítica e hermenêutica da autora, mobilizam e movimentam também o leitor de seu livro. Assim como os signos não estão estanques, mas em movimento, porquanto estão vivos, nos termos de Platão, também o pensamento se mantém vivo, no exercício psicagógico que Platão nos oferece.

O ponto a ser defendido permanece claro: a psicagogia, que contém na própria palavra os radicais de ação e *psykhé*, é o centro do *Fedro*. Platão propõe aos dialogantes um percurso, um movimento da alma – para o que Platão lança mão de variados expedientes, entre os quais se destaca o rico catálogo de imagens apresentadas nas páginas do *Fedro* e que culmina com uma imagem do próprio filósofo e de sua atividade. É interessante a metodologia proposta pela autora: os dois primeiros capítulos

constituem uma *diaíresis*, ao passo que o terceiro faz emergir a *synagogé*, que unifica e compreende a *psicagogia* em suas relações com a alma e com o movimento. Muitos dos argumentos apresentados em sustentação da tese contêm originalidade e brilhantismo, o que seria, por si só, também uma das qualidades dessa obra, ainda que a obra suscite algumas questões que podem mobilizar a crítica especializada, tais como aqueles que indico na sequência.

Em primeiro lugar, a obra tangencia, sem abordar diretamente, o estatuto do filósofo. Em certa passagem, afirma-se que: “o conhecimento das realidades inteligíveis é, justamente, o que diferirá a alma do filósofo da alma daquele que usa a linguagem somente com fins de persuasão.” No entanto, poder-se-ia questionar se a alma do filósofo não é aquela que detém, de antemão, o conhecimento (não seria por isso, um *sophós*), mas sim aquele que, na precariedade que lhe caracteriza como um ser intermediário, *busca o conhecimento; se move em direção ao conhecimento*, o que parece ser mais consentâneo com a ideia de filosofia que emerge da metáfora do movimento no próprio *Fedro*.

Um segundo ponto, também relacionado ao estatuto do filósofo, é a antropologia que emerge do *Fedro*. No livro, se afirma que “uma vez que o homem se define basicamente por sua alma, já que o corpo sem o princípio que o anima não passa de um cadáver, conhecer a si mesmo é necessariamente conhecer a sua alma”. Essa frase sugere uma prevalência da alma sobre o corpo. No entanto, à luz do pensamento de Platão, poderíamos questionar essa concepção. Aliás, a autora mesmo faz menção, em certa passagem, àquela expressão que o Prof. Marcelo Pimenta Marques costumava repetir, do ser humano como um “corpo empsicado”. Nesse sentido, é verdade que, como a autora afirma, “o corpo sem a alma não passa de um cadáver...”, mas tampouco a alma sem corpo constituiria o ser humano (e sim uma sombra no Hades, poderíamos dizer).

Essas questões não tiram a contribuição que a obra oferece para os estudos platônicos, apenas reforçam que o texto da Patrícia, como texto filosófico, cumpre o seu papel de fazer pensar. Não parece ser o caso de ter dado a última palavra sobre tema sobre o qual se debruça – o que culminaria em um dogmatismo avesso ao pensamento de Platão – mas deixar questões abertas, a serem pensadas, repensadas, refletidas, mobilizando a alma em seu movimento.

